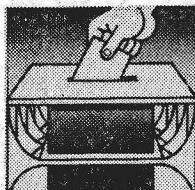


Empresários rejeitam animador de TV

Peso-pesados da economia se reúnem em almoço, discutem eleições e descartam Sílvio Santos

MARA ZIRAVELLO



O maior espinho do peixe servido ontem no almoço oferecido aos líderes empresariais no Hotel Maksoud Plaza, em São Paulo, foi a notícia veiculada às 14h30, de que o apresentador de TV Sílvio Santos teria aceitado entrar na disputa presidencial no lugar do candidato do PMB, Armando Corrêa. Dos dez empresários, nove engasgaram e um cuspiu na hora: "Que oportunismo", exclamou Antônio Ermírio de Moraes (do grupo Votorantim) ao seu vizinho de mesa, Cláudio Bardella (do Grupo Bardella).

Antônio Ermírio chegou a passar mal e se retirou imediatamente para o banheiro. "Quase tive um enfarte", comentou ao voltar para a mesa. "Cheguei a pensar que fosse brincadeira." A informação chegou na hora em que os empresários respondiam em quem pretendem votar, no momento em que Mário Amato, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e homenageado do dia estava com a palavra. "Fui salvo pelo gongo", declarou para resumir em seguida: "Amo o País, e não tenho candidato".

A possível candidatura de Sílvio Santos, porém, tinha feito parte do cardápio, degustada pelos empresários — e rejeitada pelos presentes. "Vocês já viram macaco em loja de louça?", comparou Ermírio, até então bem-humorado, satisfeito com a sobremesa de musse de damasco e sorvete de morango. Na tentativa de evitar o estardalhaço, o empresário contou que telefonou, quinta-feira passada, para o apresentador de TV. "Não aceite esse jogo", pediu Ermírio. "Você é um ótimo ani-



Ermírio, no almoço com empresários, em São Paulo: "É como soltar macaco em loja de louça"

Renato dos Anjos/AE

mador, continue assim e preserve seu patrimônio", aconselhou.

Na hora do cafezinho, Ermírio confirmou que foi procurado pelo presidente José Sarney, no dia 4 de setembro, para ser lançado candidato. Negou o convite sob o argumento de que o considerava manobra oportunista além de demonstração de desrespeito com os demais concorrentes expostos desde o começo da campanha a toda a sorte de críticas. "As suas diferenças com o Collor são muito menores do que os menores problemas do Brasil", reforçou o empresário ao presidente referin-

do-se ao candidato do PRN, Fernando Collor de Mello.

Na saída do hotel, Ermírio foi abordado por Ozires Silva, ex-presidente da Petrobrás e um dos articuladores da campanha de Collor no meio empresarial paulista, e voltou ao assunto:

— O Sarney está mesmo por trás disso? — perguntou Ozires.

— Tenho certeza. Esse cara me chamou dia 4, me convidou e eu não aceitei porque acho oportunismo demais. — respondeu Ermírio.

— E o Hugo Napoleão seria o vice? — quis saber o ex-presidente da Petrobrás.

— Este está certo que seja,

este é um canalha e tem de ir junto — confirmou o empresário ao repetir a mesma declaração que dera no rápido percurso entre o banheiro e a sala do almoço, pouco depois de receber a notícia.

Como empresário e apresentador de TV, Sílvio Santos merece a consideração e o respeito de Antônio Ermírio — assim como o dos empresários reunidos no almoço de ontem. Mas Ermírio prefere os políticos que começam "de baixo" e "mais jovens". "Ele não está preparado para dirigir o Brasil, embora ninguém negue sua popularidade", ressaltou.

Popularidade foi outro dado apresentado por Sarney a Ermírio no dia 4 para convencê-lo a concorrer à principal cadeira do Palácio do Planalto. De acordo com o empresário, o presidente teria mostrado uma pesquisa em que ele apareceria com 20% das intenções de votos. "Mas pesquisa é assim: quem paga fica lá em cima. Quem não paga..." — comentou.

Atordoado com a novidade, Ermírio garantiu retomar seus contatos com o senador Mário Covas, do PSDB, a quem considera o melhor candidato mas ainda não declarou apoio em virtude das possíveis alianças que se formarão no segundo tur-

no. "O Covas precisa de uma definição ideológica", explicou. "Eu receio que amanhã ele venha a apoiar alguns extremados."

Antes de saber se Sílvio Santos entraria ou não no processo sucessório, Abílio Diniz (Pão de Açúcar) declarou que desde o começo tem colaborado com Covas, e vota nele "enquanto pessoa física". Preocupado com as composições políticas no segundo turno, preferiu se calar e passar a palavra a José Mindlin (Metal Leve) — quem devolveu o microfone: "Acho que você não falou em quem vai votar como pessoa jurídica, provocou em tom de brincadeira. Neste caso, voto útil", concluiu Diniz.

Mindlin garantiu seu voto em Ulysses Guimarães, do PMDB, no primeiro turno, com a mesma convicção que Olavito Setúbal (Grupo Itaú) afirmou que vota em Aureliano Chaves. Para os dois, o voto útil deve ser dado só na reta final das eleições.

O presidente do Grupo Bardella, Cláudio Bardella, foi o primeiro a declarar o voto por exclusão. Não vota em Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, nem em Leonel Brizola, do PDT, nem em Roberto Freire, do PCB. "Eles têm um programa, contra a modernização do País", justificou. afirmou que seu candidato já teve melhores chances de alcançar o segundo turno, quando pretende votar com mais consciência e "menos ideologia".

Fechado com Collor está José Eduardo de Andrade Vieira (Grupo Bamerindus), também a primeira opção de Olavito Moraes (Grupo Itamarati). Ozires Silva é "pró-Collor", apesar de destacar que é "mais contrário ao segundo e terceiro colocados" nas pesquisas de intenção de votos do que "a favor do primeiro".

O presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, Luiz Carlos Mandelli, aproveitou a notícia sobre a possível candidatura de Sílvio Santos para apimentar sua resposta: "Ele aumentou a lista dos que eu não votarei". Tem simpatia por Collor, Maluf e Afif.